

Quem era o discípulo amado citado em João?



Quem era o discípulo amado citado em João?

(Versão 3)

“Todas as afirmações em matéria de Teologia são e sempre o foram arraigadas no cérebro, e dificilmente podem ser removidas; e enquanto aí estiverem a verdade não encontrará lugar.”
(EMANUEL SWEDENBORG)

“Em minha opinião, as pessoas deveriam usar sua inteligência para avaliar o que consideram verdadeiro e falso na Bíblia.” (BART D. ERHMAN)

Paulo Neto

Copyright 2022 by

Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)

Belo Horizonte, MG.

Capa:

Última Ceia: <https://www.cathopic.com/photo/5891-ultima-cena-jesus-sus-apostoles>

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes

Marcus Vinícius Pinto

Paulo Cesar Pfaltzgraff Ferreira

Diagramação:

Paulo Neto

site: <https://paulosnetos.net>

e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, julho de 2022.

Índice

Prefácio.....	4
Introdução.....	9
Análise crítica da questão.....	11
Os personagens que poderiam ser o discípulo amado.....	31
Conclusão.....	53
Referências bibliográficas.....	61
Dados biográficos do autor.....	65

Prefácio

Quando o Mestre Jesus esteve na Terra, escolheu doze dentre seus discípulos para o acompanharem e divulgarem o Evangelho do Reino de Deus. Certa feita, eles disputavam quem entre eles seria o maior. Com relação a isto, ensinou o Mestre Jesus: “- **Quem quiser ser o maior seja o servo de todos**” (Mateus 23:11) e, em Marcos está escrito: “**E Jesus, assentando-se, chamou os doze e lhes disse: - Se alguém quiser ser o primeiro, será o último e servo de todos**”. (Marcos 9:35).

Entretanto, haveria algum entre eles que tivesse algum privilégio, seria mais chegado a Jesus e até mesmo mais amado? Para responder a este questionamento, o estudioso, pesquisador, escritor e articulista **Paulo Neto** nos brinda com mais um ebook de sua lavra: “**Quem era o discípulo amado citado em João?**” onde, através de suas pesquisas, surge o inusitado, o inesperado, de ter

mais de um candidato e não apenas o tradicional nome do evangelista João.

Dentre os diversos textos do autor, todos feitos sob o foco de aprofundar questões através de pesquisas criteriosas, destacam-se os de análise de temas bíblicos. Muitas passagens dos Evangelhos e de outras partes da Bíblia e mesmo alguns temas teológicos são muitas vezes acolhidos e seguem uma tradição sem que haja um aprofundamento na análise do tema em foco ou nem mesmo uma reinterpretação possível mediante novas informações que surgem nas pesquisas de historiadores, pesquisadores modernos e informes mediúnicos, que trazem um novo olhar sobre temas do passado distante.

Paulo Neto, entretanto, não se prende ao já estabelecido, as ideias preconcebidas e aceitas sem maiores questionamentos e nem mesmo a determinados dogmas que podem ser questionados e, até mesmo, refutados mediante argumentos e fatos, devidamente demonstrados e descritos em obras confiáveis.

Lança nesta obra, logo na introdução, um questionamento a um personagem referido apenas no Evangelho segundo João o qual é referido na **Bíblia de Jerusalém**, na nota ao capítulo 13 versículo 23, p. 1878: “[...] O discípulo que Jesus amava” aparece aqui pela primeira vez sob esta **designação enigmática** (cf. 19,25; 20,2; 21,7; 20,24). Este discípulo, que como diz a nota, é referido de forma enigmática, não é devidamente e nem claramente identificado em nenhum momento. Quem seria realmente esse “discípulo amado” ou “aquele que Jesus amava”? Surge neste questionamento a motivação do autor para empreender uma pesquisa em diversas obras e autores para tentar descobrir quem de fato seria esse discípulo.

Após a introdução, encontramos a Análise Crítica da questão, onde coloca como primeiro passo a ser observado e analisado a passagem encontrada no Evangelho de João, no capítulo 13 versículo 23. Encontramos que a tradição sempre apontou como sendo este discípulo o próprio João, irmão de Tiago e filho de Zebedeu. Porém, para

surpresa nossa, leitores que buscamos nas pesquisas do autor Paulo Neto um maior esclarecimento, não é apresentado o Evangelista João como o mais forte candidato a ser assim designado e nem a ser um discípulo que fosse privilegiado por Jesus de forma especial.

Ao lado dele surgem os nomes do apóstolo Pedro; o de Lázaro, irmão de Marta e Maria; o de Tiago, o Justo, que era irmão do Senhor Jesus, o de Tiago, o Maior, irmão de João e o de Maria Madalena, na hipótese de ter sido mudado o gênero do discípulo, devido ao machismo e patriarcalismo reinante. Qual destes será o mais forte candidato? Acompanhe o autor em seus arrazoados e boa leitura!

Marcus Vinícius Pinto

Servidor Público, expositor e articulista, com artigos publicados em diversos periódicos e em revistas, inclusive “**O Reformador**”, da FEB.

Introdução

Não temos nenhuma dúvida de que a maioria esmagadora das pessoas as quais fizéssemos essa pergunta, a resposta na ponta da língua seria: João Evangelista.

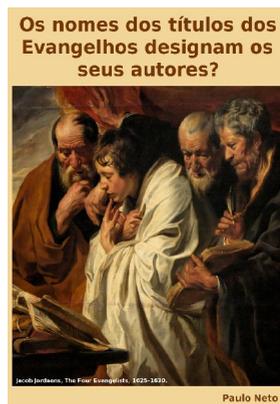
Ademais não são poucos os exegetas e tradutores da Bíblia, que reformam essa crença.

Como exemplo, citaremos o tradutor Frederico Lourenço, doutor em línguas e literaturas clássicas e professor Universitário que, em ***Bíblia, volume I: Novo Testamento: Os Quatro Evangelhos***, explicando um dos versículos do capítulo 21 do Evangelho Segundo João, diz:

21,24 'Este é o discípulo que testemunhou essas coisas e que as escreveu': temos aqui a explicação mais clara de todas de que **o autor do Evangelho é o discípulo amado**, testemunha ocular dos acontecimentos narrados. [...]. (¹) (Nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

Ao que nos parece esse destacado tradutor português, infelizmente, está bem desatualizado com relação ao que a crítica textual defende em a respeito da autoria de cada um dos Evangelhos, que, originalmente, foram escritos em grego, língua da qual ele fez a tradução.

Como não é um tema que cabe desenvolvermos aqui, recomendamos aos interessados a nossa pesquisa publicada no ebook ***Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?*** (2)



Análise crítica da questão

A primeira questão que poderíamos colocar é: algum discípulo, dentre os que seguiam Jesus, tinha posição privilegiada perante ele? Que os cristãos, que aceitam orientação de uma instituição hierarquizada, que os obriga a acatar seus dogmas, acreditem nisso é aceitável; porém, a uma pessoa que se considera com entendimento suficiente para ler e tirar sua própria conclusão, isso não faz sentido algum, pois, se *“Deus não faz acepção de pessoas”* (Atos 10,35; 15,9; Romanos 2,11; Gálatas 2,56; Efésios 6,9; Colossenses 3,25 e 1 Pedro 1,17) Jesus, Seu enviado, não poderia agir de forma diferente.

Ademais, lemos que: *“[...] depois de ter amado os seus do mundo, **amou-os** até o extremo.”* (João 13,1) e *“Como o Pai me amou, **eu vos amei**: [...].”* (João 15,9), demonstrando, claramente, que o Mestre amava a todos de igual modo; não excepcionando ninguém.

Aos espíritas apresentamos a obra **A Caminho da Luz**, ditada por Emmanuel que, a certa altura, informa:

Debalde enviou o Divino Mestre seus emissários e discípulos mais queridos ao ambiente das lutas planetárias. Quando não foram trucidados pelas multidões delinquentes ou pelos verdugos das consciências, foram obrigados a capitular diante da ignorância, esperando o juízo longínquo da posteridade. ⁽³⁾

Esse autor espiritual ao dizer “*seus emissários e discípulos mais queridos*” insinua haver vários deles “*mais chegados*” ao coração do Mestre de Nazaré, particularmente, não acreditamos nisso.

Na obra *Paulo e Estêvão*, o mesmo autor espiritual, trata a todos de “*discípulos amados*” ⁽⁴⁾, e, especificamente, ao fazer referência a Paulo, o apóstolo dos gentios, designa-o de “*apóstolo bem-amado*” ⁽⁵⁾.

No Evangelho Segundo João, a primeira passagem que menciona a designação de “*discípulo amado*” é no passo João 13,23.

Esta imagem (6), que utilizamos na capa, representa a narrativa bíblica de João 13,23:



Vejamos, por curiosidade, o teor dessa passagem - João 13,23 - pelas seguintes versões bíblicas:

Tradução Novo Mundo: “Recostava-se na frente do seio de Jesus **um dos seus discípulos, e Jesus o amava.**”

Paulinas 1957: “Ora, **um dos seus discípulos, ao qual Jesus amava,** estava recostado sobre o seio de Jesus.”

Bíblia do Peregrino: “**Um dos discípulos** estava reclinado à direita de Jesus, **o predileto de Jesus.**”

Bíblia de Jerusalém: “Estava à mesa, ao lado de Jesus, **um de seus discípulos, aquele**

que Jesus amava.”

Bíblia Barsa: “Ora **um dos seus discípulos, ao qual amava Jesus**, estava recostado à mesa no seio de Jesus.”

Bíblia Shedd: “Ora, ali estava conchegado a Jesus um dos seus **discípulos, aquele a quem ele amava.**”

Bíblia King James 1611: “Ora, achava-se reclinado sobre o peito de Jesus um de seus **discípulos, aquele a quem Jesus amava.**”

O que se percebe nessas traduções é a incerteza quanto ao que, de fato, ocorria, dado aos diversos empregos da expressão “*que Jesus amava*”, pois, num momento é alguém sem qualquer destaque, enquanto em outro colocam-no como se fosse um privilegiado perante os demais.

Vejam os que, em nota de rodapé, os tradutores bíblicos da ***Bíblia do Peregrino*** e da ***Bíblia de Jerusalém*** explicam a respeito dessa passagem:

O anúncio da traição se apresenta numa cena dramática que permite contrapor ao traidor o “discípulo predileto” de Jesus. É a primeira vez que a expressão aparece e se repetirá a seguir.

O texto bíblico dá indícios não muito seguros para identificá-lo; uma tradição muito antiga o identificou com João evangelista. O que podemos dizer é que era uma personagem respeitada nas comunidades onde se escreveu ou se cristalizou o evangelho. ⁽⁷⁾

[...] O “discípulo que Jesus amava” aparece aqui pela primeira vez sob essa **designação enigmática** (cf. 19,25; 20,2; 21,7.20.24). ⁽⁸⁾

Destaca-se a honestidade desses tradutores, que julgamos possuidores de grande conhecimento bíblico e da história do cristianismo, em não terem como certa a identificação do “*discípulo amado*” como sendo João.

Geza Vermes (1924-2013), considerado um dos maiores especialistas acadêmicos em Manuscritos do Mar Morto e história do cristianismo, explicando as fontes dos Evangelhos, em **A Paixão**, nos traz uma informação bem interessante:

A identidade do evangelista João não pode ser verificada. Exceto pelo título “segundo João”, do capítulo 1 ao capítulo 20 o próprio Evangelho não menciona autor. **No capítulo 21, alguém diferente do evangelista tenta mostrá-**

lo como “o discípulo amado de Jesus”. Esta sugestão supõe tacitamente que o pescador galileu João, filho de Zebedeu e testemunha ocular do ministério de Jesus, foi o quarto evangelista. (9)

O *“tenta mostrá-lo como o discípulo amado”* é ótimo, pois corrobora tudo o que encontramos em nossa pesquisa a respeito desse personagem.

Levando-se em conta o teor dos Evangelhos, se é que existiu algum discípulo que merecesse um tratamento especial, por que razão ele não foi Pedro? Não foi a ele que Jesus disse: *“[...] tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja [...]”* (Mateus 16,18) e *“[...] Apascenta as minhas ovelhas.”* (João 21,17)?

Inclusive, Pedro é o único nominalmente citado pelo anjo, que se encontrava no túmulo de Jesus, para que as mulheres o avisassem *“em particular”* que o Mestre havia ressuscitado dos mortos (Marcos 16,5-7).

Ademais, não foi a Pedro, segundo se acredita no meio católico, que Jesus entregou o comando de todos os outros, ou, como está em Mateus 16,19,

“as chaves do Reino dos céus”?

Estamos dizendo isso tomando como base no que o exegeta Bart D. Ehrman, em ***Jesus existiu ou não?***, diz “Cefas era, comprovadamente, Simão Pedro (ver João 1:42), **o discípulo mais próximo de Jesus.**” ⁽¹⁰⁾ E, especificamente, no tópico “O discípulo Pedro”, explica-nos:

Pedro não era simplesmente um membro dos doze discípulos que, segundo todas as nossas tradições evangélicas, Jesus escolheu como seus companheiros mais próximo [...]. Ele era membro de **um círculo interno ainda mais fechado composto de Pedro, Tiago e João.** Nos Evangelhos, esses três passam mais tempo com Jesus do que qualquer outra pessoa durante todo o seu ministério. E desses três, novamente **segundo todas as tradições, Pedro era o mais próximo. Em quase todas as nossas fontes, Pedro era o companheiro e confidente mais íntimo de Jesus durante todo o seu ministério após seu batismo.** ⁽¹¹⁾

Ehrman está certo, pois, realmente, os relatos bíblicos apontam para essa presença constante junto a Jesus dos três discípulos – Pedro, Tiago e João –, que, conforme os relatos, estão presentes: na cura da sogra de Pedro (Marcos 1,29), na cura

da filha de Jairo (Marcos 5,37); na transfiguração (Marcos 9,2) e no Getsêmani, no momento de maior angústia de Jesus (Marcos 14,33).

Julgamos que essa constante presença dos três não se tratar de privilégio, mas, provavelmente, por serem eles os doadores de “ectoplasma”, energia a qual Jesus manipulava para realizar suas curas, e que também foi fundamental no episódio da materialização dos Espíritos Moisés e Elias, no monte Tabor, fenômeno conhecido como “a transfiguração”.

Então, cabe a inevitável questão: Se Pedro era o “*discípulo mais próximo*” de Jesus por qual motivo aquele designado de “*discípulo amado*” não seria ele, mas um outro? Hipótese que em breve avaliaremos.

O Tiago aqui citado, trata-se do que era filho de Zebedeu e irmão de João, designado como “*Tiago, o Maior*”, que foi preso em 42 d.C. e morto por Herodes Agripa I em 44 d.C. (Atos 12,2) ⁽¹²⁾; essa informação é importante, pois são mencionados outros dois personagens com esse

nome, são eles: Tiago (*o Menor*), filho de Alfeu e Tiago (*o Justo*), o irmão do Senhor, que, em 49, na cidade de Jerusalém ⁽¹³⁾, decidiu a polêmica sobre a obrigação dos gentios cumprirem regras judaicas, no caso a circuncisão, antes de se tornarem cristãos.

Esse Tiago, irmão do Senhor, junto com Pedro e João, foram, conforme testemunha Paulo de Tarso, “*reputados colunas*” (Gálatas 2,9), ou seja, os que lideravam o movimento cristão incipiente. Portanto, ao que tudo indica, ele ocupou o lugar do anterior junto ao trio.

Segundo os enciclopedistas Russell Norman Champlin (1933-2018) e João Marques Bentes, em *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia - Vol. 6*, Tiago, irmão do Senhor “*se tornou líder da Igreja de Jerusalém*” ⁽¹⁴⁾, provavelmente por ter algum prestígio entre os cristãos primitivos.

É fácil perceber que tão somente por questão de tradição, essa, por certo, de viés totalmente católico, é que a designação de “*discípulo amado*” se referir a João, o evangelista.

Entretanto, a nosso sentir, ela carece de uma base bíblica segura com a qual essa identificação se apresente de forma clara e indiscutível. Aliás, para nós, João é o candidato com menor chance de ser, dentre os possíveis, que são aqui mencionados.

Aliás, para nós, João é o candidato com menor chance de ser, dentre os possíveis, que aqui mencionaremos.

O exegeta R. N. Champlin, em **O Novo Testamento Interpretado Versículo Por Versículo - Vol. 2**, explica-nos que:

[...] **Alguns estudiosos creem que o apóstolo João referiu-se indiretamente a si mesmo**, dessa maneira, ufanando-se em sua especial relação de amizade com o Senhor Jesus, ainda que, ao mesmo tempo, por motivo de humildade, não tivesse querido mencionar o seu próprio nome. [...]. ⁽¹⁵⁾

Crer, podem crer no que quiserem, dada a liberdade de opinião a que todos nós temos direito; entretanto, a grande e importante questão é: têm condições de provar bíblicamente essa crença? Para sustentá-la, primeiramente, teriam que provar

que, de fato, foi João Evangelista o autor do Evangelho que leva seu nome, porquanto, atualmente a crítica bíblica trata-o como pseudoepígrafo.

Mas será que a tradição pode se opor aos fatos? Jesus não dizia aos escribas e fariseus: *“Jeitosamente rejeitais os preceitos de Deus para guardardes a vossa própria tradição”* (Marcos 7,9)? Ora, poderíamos transmutar essa fala para *“Jeitosamente rejeitais **os fatos** para guardardes a vossa própria tradição”*, pois é exatamente isso que se faz quando se apega à tradição rejeitando os fatos.

Além disso, apelar-se à tradição torna-se um argumento pouco convincente diante do que atualmente se sabe dos próprios autores dos Evangelhos.

Infelizmente, poucos sabem que alguns estudiosos não mais consideram os nomes constantes dos títulos dos Evangelhos como sendo os de seus verdadeiros autores, já que, àquela época, era comum escritores desconhecidos

utilizarem-se do expediente de mencionar como autor o nome de alguém de destaque, visando prevalecer como verdadeira a sua narrativa. Aos interessados recomendamos nossa pesquisa registrada no ebook ***Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam os seus autores?*** ⁽¹⁶⁾, onde demonstramos isso.

Aliás, em Atos dos Apóstolos, se afirma que tanto ele, João, quanto Pedro, “*eram homens iletrados e incultos*” (Atos 4,13). Portanto, aí se tem a prova incontestável, de que João não pode ter sido o autor do Evangelho que contém o seu nome e nem mesmo as três cartas que lhe são atribuídas.

Sem nos alongarmos muito, apenas para corroborar a questão da autoria dos Evangelhos, trazemos a obra ***Quem Jesus Foi? Quem Jesus Não Foi?: Mais Revelações Inéditas Sobre as Contradições da Bíblia***, de autoria do já mencionado exegeta Ehrman, especialista em Novo Testamento:

Embora evidentemente não seja o tipo de coisa que os pastores costumem contar às suas congregações, há mais de um século existe **um**

forte consenso de que muitos dos livros do Novo Testamento não foram escritos pelas pessoas cujos nomes estão ligados a eles. [...].

[...].

Por que surgiu a tradição de que esses livros foram escritos por apóstolos e por companheiros dos apóstolos? **Em parte de modo a garantir aos leitores que eles foram escritos por testemunhas oculares e companheiros das testemunhas oculares.** Uma testemunha ocular merece a confiança de que iria contar a verdade sobre o que realmente aconteceu na vida de Jesus. Mas a realidade é que não é possível confiar em que as testemunhas ofereçam relatos historicamente precisos. Elas nunca mereceram confiança e ainda não merecem. Se testemunhas oculares sempre fizessem relatos historicamente precisos, não teríamos a necessidade de tribunais. Quando precisássemos descobrir o que realmente aconteceu quando um crime foi cometido, bastaria perguntar a alguém. Casos reais demandam muitas testemunhas, porque seus depoimentos diferem entre si. Se duas testemunhas em um tribunal divergissem tanto quanto Mateus e João, imagine como seria difícil chegar a um veredicto.

A verdade é que todos os Evangelhos foram escritos anonimamente, e nenhum dos autores alega ser uma testemunha. Há nomes ligados aos títulos dos Evangelhos (“o Evangelho segundo Mateus”), mas esses títulos são acréscimos posteriores aos

próprios livros, conferidos por editores e escribas para informar aos leitores quem os editores achavam que eram as autoridades por trás das diferentes versões. Que os títulos não são originalmente dos Evangelhos é algo que fica claro com uma simples reflexão. Quem escreveu Mateus não o chamou de “Evangelho segundo Mateus”. As pessoas que deram esse título a ele estão dizendo a você quem, na opinião delas, o escreveu. Autores nunca dão a seus livros o título de “segundo fulano”. (17)

E, hoje em dia, com mais informações que temos das manipulações dos textos bíblicos, dos seus conflitos e divergências, uma boa parte, se não a maioria, dos adeptos e defensores da “**crítica textual**” além de não considerarem os nomes dos títulos dos Evangelhos sejam, de fato, os nomes de seus autores, já não os aceitam como totalmente verdadeiros, tantas as adulterações realizadas, o que nos faz também buscar estudiosos e exegetas bíblicos mais sintonizados com essa nova realidade, pois alguns deles estão totalmente aprisionados aos dogmas da igreja a qual se vinculam. O dogma da inerrância bíblica, justamente, está equivocado conforme as afirmações destes mesmos estudiosos.

Vejam, por exemplo, o que os tradutores da **Bíblia de Jerusalém** dizem a respeito dos Evangelhos Sinóticos - Mateus, Marcos e Lucas - escritos em grego, é bom que se diga:

“[...] Isso não significa entretanto que cada um dos fatos ou dos ditos que eles noticiam possa ser tomado como reprodução rigorosamente exata do que aconteceu na realidade. As leis inevitáveis de todo testemunho humano e da sua transmissão dissuadem de esperar tal exatidão material, e os fatos contribuem para esta precaução, pois **vemos o mesmo acontecimento ou a mesma palavra de Cristo transmitida de modo diferente pelos diferentes evangelhos.** Isso, que vale para o conteúdo dos diversos episódios, vale com mais forte razão para a ordem segundo a qual eles se encontram organizados. [...]” ⁽¹⁸⁾

Observa-se que sabem da realidade, mas por motivos puramente dogmáticos amenizam as divergências e inconsistências dos relatos, mantendo-os como *“reprodução exata do que aconteceu na realidade”*, já que, como dito por eles mesmos, muitos foram transmitidos de forma diferente.

Quanto ao Apocalipse, extremamente

simbólico e em grego, diga-se de passagem, é muito menos provável ser de autoria de João Evangelista. Sobre isso vejamos em ***Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada***, o autor Pepe Rodríguez, jornalista de investigação, especializou-se em religiões comparadas, explica:

[...] Resta João Zebedeu que foi, também ele, apóstolo. Acontece, contudo, que **o Evangelho de João e o Apocalipse não são obra sua, mas de um outro João. Foram escritos por um tal João, o Ancião, um grego cristão** que se baseou não só em textos hebreus e essênios, como nas recordações que **conseguiu obter de João, o Sacerdote, identificado como “o discípulo amado”** de Jesus (mas que não é João Zebedeu), um sacerdote judeu muito amigo de Jesus que foi viver para Éfeso e onde veio a morrer em idade muito avançada. [...].⁽¹⁹⁾

Merece destaque o final da transcrição, por ser interessante e pertinente ao nosso tema, porquanto nele Rodríguez deixa bem claro que o “*discípulo amado*” não foi João, filho de Zebedeu, suposto autor do Evangelho de João e do Apocalipse, mas sim João, o *Sacerdote*, judeu muito

amigo de Jesus, que foi viver para Éfeso e onde veio a morrer em idade muito avançada.

Vejamos esta passagem que é bem interessante:

Marcos 10,35-41: *“Então, se aproximaram dele **Tiago e João, filhos de Zebedeu**, dizendo-lhe: Mestre, queremos que nos concedas o que te vamos pedir. E ele lhes perguntou: Que quereis que vos faça? Responderam-lhe: Permite-nos que, na tua glória, nos assentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda. Mas Jesus lhes disse: Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que eu bebo ou receber o batismo com que eu sou batizado? Disseram-lhe: Podemos. Tornou-lhes Jesus: Bebereis o cálice que eu bebo e receberéis o batismo com que eu sou batizado; quanto, porém, ao **assentar-se à minha direita ou à minha esquerda, não me compele concedê-lo; porque é para aqueles a quem está preparado**. Ouvindo isso, indignaram-se os doze contra Tiago e João.”*

Encontraremos também a narrativa desse episódio em Mateus (20,20-24); só que nela o pedido é feito pela própria mãe e não pelos dois filhos, o que é mais uma boa demonstração da

existência de sérios conflitos nos textos bíblicos; mas, por agora, o nosso caso é bem outro. Não seria, nessa passagem, um bom momento para se demonstrar que, para Jesus, João era o “*discípulo amado*”, prometendo-lhe um lugar também de destaque no mundo espiritual?

Analisando os textos dos Evangelhos, percebe-se que, estranhamente, somente no Evangelho Segundo João é que aparece essa designação, o qual, segundo os entendidos nos informam, foi escrito tardiamente, por volta dos anos 90 d.C.

Nos argumentos que desenvolveremos no próximo capítulo aparecerão alguns pontos contra a identificação de ser João Evangelista.

Os personagens que poderiam ser o discípulo amado

John Dominic Crossan, é um teólogo conhecido por ser o co-fundador do controverso Jesus Seminar. Crossan é uma figura importante no campo da arqueologia bíblica, antropologia, Novo Testamento e Alta Crítica ⁽²⁰⁾, em *Quem matou Jesus?*, ao afirmar “do não nomeado Discípulo Amado” ⁽²¹⁾, deixa bem claro que o autor do Evangelho Segundo João, em momento algum, identificou quem seria esse personagem. Podemos, para atender que “a Bíblia interpreta a si mesma”, utilizando-nos do jargão comum aos cristãos tradicionais, tentar descobrir quem seria esse tal de “discípulo amado”.

Em *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*, recentemente citado, vimos que Pepe Rodríguez disse que o “discípulo amado” seria João, o Sacerdote, e não o filho de Zebedeu. ⁽²²⁾

Fora esse candidato, apresentaremos outros cinco personagens para serem o tal do discípulo amado, trazendo os argumentos e/ou informações que apontam para cada um deles.

O primeiro candidato, poderíamos tê-lo em **Simão Pedro**, pois, conforme Ehrman, em *Pedro, Paulo e Maria Madalena*, se tem que: “[...] Dentre eles, escolheu doze para serem seus discípulos mais próximo, sendo Simão Pedro o chefe desse grupo” ⁽²³⁾ e “*Como fato histórico, parece que o discípulo mais próximo de Jesus era Pedro.*” ⁽²⁴⁾ Entretanto, nas passagens João 20,2, 21,7 e 21,20, os dois são mencionados, eles estão juntos, o que faz com que Pedro não seja o discípulo amado.

O segundo candidato que nos surge é **Lázaro**, irmão de Marta e Maria, pois é no próprio Evangelho de João que expressamente se diz que Jesus “*amava*” Lázaro, e pelo qual chorou (João 11,35-36), embora seu nome seja citado apenas mais uma vez depois de seu retorno à vida, pela ação de Jesus (João 12,1-11).

Em **A Face Oculta de Jesus**, o escritor

Mariano Fernández Urresti, de nacionalidade espanhola, graduado em História e Geografia, diz algo interessante:

[...] a frase mencionada anteriormente, segundo a qual ele era 'aquele a quem Jesus ama', pode recair sobre o famoso 'discípulo amado' de Jesus, que **não seria ninguém mais, ninguém menos que Lázaro.** ⁽²⁵⁾

O terceiro candidato, seria **Tiago, o irmão do Senhor**. Pode até ser que possamos estar enganados, mas se o discípulo amado fosse, de fato, um dos doze ter-se-ia, certamente, citado o seu nome, assim indefinido, como no-lo apresentam, só faz sentido se não ele fizer parte desse grupo, não poderia aparecer um 13º discípulo. E aí, entra em cena Tiago, como o mais provável candidato, que num dado momento, que não conseguimos precisar, tornou-se discípulo de seu irmão Jesus.

Podemos evidenciar essa nossa hipótese tomando da seguinte passagem do Evangelho segundo João:

João 19,25-27: *“E junto à cruz estavam a mãe de Jesus, e a irmã dela, e Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. **Vendo Jesus sua mãe e junto a ela o discípulo amado**, disse: Mulher, **eis aí o teu filho**. Depois, disse ao discípulo: **Eis aí a tua mãe**. Dessa hora em diante, o discípulo a tomou para casa.”*

Nesse relato, somente faria sentido utilizar as expressões *“eis aí o teu filho”* e *“eis aí a tua mãe”*, que, claramente, estabelecem relação de parentesco consanguíneo entre os envolvidos, se o “discípulo amado” fosse Tiago, o irmão do Senhor.

Em razão disso teríamos uma boa justificativa para o fato dele, segundo o texto, estar ao pé da cruz, junto a Maria de Nazaré, sua mãe, e também o motivo pelo qual ele, posteriormente, *“a tomou para casa”*, ou seja, passou a acompanhá-la, como lhe orientara o seu irmão Jesus.

Ademais, se essas expressões se referissem a João, como querem os que se apegam às tradições, forçosamente teríamos que considerar que Jesus teria rejeitado seus próprios irmãos, citados como sendo Tiago, José, Simão e Judas (Mateus 13,55), na

nobre missão de cuidar de Maria, sua mãe e deles também, óbvio.

Os que não admitirem essa hipótese, que nos expliquem, apoiados na Bíblia e com argumentos lógicos, por qual razão não foi algum deles que teve a missão de cuidar da mãe e, sim, João Evangelista que nem sequer parente deles era. Inclusive, parece-nos que ele seria o mais moço entre os discípulos, o que também não deixa de ser um fato curioso.

Por outro lado, seria importante que se demonstrasse outro texto bíblico, fora esse passo que mencionamos, que a utilização das palavras “mãe” e “filho” tenham sido empregadas sem que os personagens envolvidos tivessem relação de parentesco.

Descobrimos que não estamos sozinho nessa ideia. James D. Tabor, em ***A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo***, argumenta:

Os evangelhos dizem que os sumos sacerdotes e seus aliados tratavam com

sarcasmo as vítimas, usando de particular desprezo para com Jesus: “Deixai o Rei de Israel descer da cruz para que possamos crer!” **A poucos metros estava Maria, a mãe de Jesus, bem como Maria Madalena e as outras mulheres** que o tinham acompanhado desde a Galileia, em sua última viagem a Jerusalém. **Segundo o evangelho de João, o “discípulo que Jesus amava” também estava presente,** com a mãe de Jesus. Mais tarde, quando Jesus começava a pensar que, apesar de tudo, poderia morrer, **ele formalmente colocou o bem-estar de sua mãe aos cuidados deste discípulo, que eu identifiquei como sendo seu irmão Tiago viria a ser o “mais velho” da família.** ⁽²⁶⁾

Sentimo-nos bem acompanhados.

Julgamos que ao se aceitar que o “*discípulo amado*” seja outro, que não Tiago, o irmão de Jesus, é desconsiderar o teor desse texto para ajustá-lo à tradição, comum às crenças dogmáticas, que, muitas vezes, contradizem os fatos narrados nos textos bíblicos.

Ademais, considerando que, após Jesus ser preso, todos os discípulos fugiram (Mateus 26,56; Marcos 14,50), corroboramos a fuga deles em

Como Jesus se tornou Deus, onde Bart D. Ehrman, explica:

[...] **nossas fontes primitivas são bastante claras quanto aos discípulos homens terem fugido do local e não estarem presentes na crucificação de Jesus.** Conforme afirmei antes, isso pode muito bem ser um fato histórico – **os discípulos temeram pela própria vida e foram se esconder ou escapuliram da cidade a fim de evitar a prisão.** Para onde iriam: Presumivelmente, para casa, para a Galileia – que ficava a mais de cento e cinquenta quilômetros e levaria pelo menos uma semana para se chegar a pé. [...]. ⁽²⁷⁾

[...] Além do mais, **se é verdade que os discípulos fugiram de Jerusalém para a Galileia quando Jesus foi preso, e que foi lá que alguns deles o “viram”,** não poderiam tê-lo visto na manhã do primeiro domingo depois da sua morte. Se fugiram na sexta-feira, não poderiam viajar no sábado, o sabá; e, uma vez que Jerusalém fica a cerca de duzentos quilômetros de Cafarnaum, sua antiga cidade de domicílio, levaria pelo menos uma semana para chegarem lá a pé. [...]. ⁽²⁸⁾

Essa fuga “em massa” é perfeitamente compreensível, não se deve os condenar por isso. Entretanto, por um mínimo de lógica, é pouco

provável que algum deles, por ser cidadão comum e não um membro de um grupo de guerreiros treinados para luta, tivesse coragem suficiente para estar presente na sua crucificação, o que, por ser mais razoável, se poderia esperar de quem tivesse algum parentesco com Jesus, no caso, Tiago, o *Justo*.

Entretanto, pelo relatado nos sinópticos, a lista dos que presenciaram a crucificação não é ponto tão pacífico. Vendo a disposição das pessoas, quando do momento da crucificação, percebemos conflitos:

Mateus 27, 55-56: “**Estavam ali muitas mulheres, observando de longe;** eram as que vinham seguindo a Jesus desde a Galileia, para o servirem; entre elas estavam Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mulher de Zebedeu.”

Marcos 15,40-41: “**Estavam também ali algumas mulheres, observando de longe;** entre elas, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o menor, e de José, e Salomé; as quais, quando Jesus estava na Galileia, o acompanhavam e serviam; e, além destas, muitas outras que haviam subido com ele

para Jerusalém.”

Lucas 23,49: “Entretanto, **todos os conhecidos de Jesus e as mulheres** que o tinham seguido desde a Galileia **permaneceram a contemplar de longe estas coisas.”**

Em relação às pessoas presentes, Mateus e Marcos apontam somente mulheres; Lucas, além delas, também coloca “*todos os conhecidos*”, algo indefinido, que pode ser homens e mulheres.

O relato de Lucas, pela “Bíblia Tradução Ecumênica - TEB”, afirma tratar-se de “*todos os seus familiares*” em vez de “*todos os conhecidos*”, o que nos parece mais plausível.

O que nenhum dos três autores afirma é que havia algum discípulo entre essas pessoas. E mais, diferentemente de João, todos dizem que elas contemplavam “*de longe*”; portanto, segundo esses autores, sejam eles quem forem, não havia ninguém ao pé da cruz, como diz o autor do Evangelho de João, e que, no episódio, ainda enxerta o enigmático “*discípulo amado*”.

É fato notório que, depois da prisão de Jesus,

somente há registro da movimentação dos discípulos no domingo de manhã, quando várias mulheres se dirigem ao túmulo e não encontram o corpo de Jesus, espalhando a notícia a todos.

Enquanto Mateus e Marcos não falam de algum discípulo ter ido ao sepulcro, Lucas diz que apenas Pedro foi (Lucas 24,12) e o autor de João, indo mais além, narra que *“Simão Pedro e com o outro discípulo, a quem Jesus amava”* (João 20,1-11) correram ao sepulcro para se certificar.

Diante de tanto conflito, como saber em qual dos Evangelhos consta a verdade? Mas, deixando fluir a criatividade, podemos supor que, talvez, o verso, na fonte original, tivesse o seguinte teor: *“Simão Pedro, a quem Jesus amava.”*

Em Mateus, se afirma que os onze discípulos seguiram para a Galileia, para o monte que Jesus lhes designara, pela orientação dada pelo anjo (Mateus 28,16) e lá apareceu a eles. Em Marcos, se diz que a aparição de Jesus aos onze se deu quando estavam reunidos à mesa, sem especificar em casa de quem (Marcos 16,14).

E, finalmente, em João, também não se esclarece onde estavam reunidos; porém, diz-nos somente que *“trancadas as portas da casa onde estavam os discípulos com medo dos judeus”* (João 20-19).

Assim, fica comprovado, no próprio Evangelho Segundo João, que, após a fuga desesperada deles, quando da prisão de Jesus, os discípulos só voltaram a se reunir no primeiro dia da semana após a sua ressurreição.

Por outro lado, a identificação desse *“discípulo amado”* como sendo Tiago, também explica, sem qualquer dificuldade, o fato de, na ceia, ele estar ao lado de Jesus, **recostado no seu seio**, e no domingo de manhã ter ele, como sendo o nosso personagem *“discípulo amado”*, se dirigido ao túmulo, onde depositaram o seu corpo, fatos narrados nessas passagens:

João 13,23: *“Ora, ali estava conchegado a Jesus um dos seus discípulos, **aquele a quem ele amava.**”*

João 20,2: *“Então, corre e foi ter com Simão Pedro e com **o outro discípulo, a quem***

Jesus amava, e disse-lhes: Tiraram do sepulcro o Senhor, e não sabemos onde o puseram.”

João 21,20: “Então, Pedro, voltando-se, viu que também o ia seguindo **o discípulo a quem Jesus amava**, o qual na ceia se inclinara sobre o peito de Jesus e perguntara: Senhor, quem é o traidor?”

Diante disso, para nós, Tiago, dentro de todas as possibilidades, é o mais forte candidato a ser o “discípulo amado”, pois as passagens, a nosso ver, oferecem indícios que apontam em sua direção, embora não tenhamos como precisar a data em que ele se tornara discípulo de seu irmão Jesus. Claro, haverá quem proteste quanto a isso.

O quarto candidato seria **Tiago, o Maior**, filho de Zebedeu, portanto, irmão de João. Vejamos na Bíblia Shedd, esta nota explicativa a respeito do trecho “Aquele a quem ele amava” em João 13,23:

Tradicionalmente se identifica com João, filho de Zebedeu e autor deste evangelho. **Podia também ter sido seu irmão Tiago (21,2), que foi martirizado em 44 d.C. (At 12,2).** ⁽²⁹⁾

Russell P. Shedd (1929-2016), conceituado teólogo evangélico, PhD em Novo Testamento e editor da Bíblia Shedd, autor dessa explicação, é quem nos aponta Tiago (o maior), o irmão de João, e não o próprio João, como sendo a pessoa provável de ser o discípulo amado. Embora toda a competência de Shedd, não descartamos a possibilidade dele ter feito confusão entre o Tiago, o maior e o Tiago, o justo.

O quinto candidato, na verdade uma candidata, que surgiu em nossa pesquisa foi Maria Madalena. Em *Apócrifos II: os proscritos da Bíblia*, no capítulo Evangelho de Felipe, considerado um dos vários livros apócrifos ⁽³⁰⁾, encontramos algo bem interessante:

"55. A Sofia – a quem chamam 'a estéril' – é a mãe dos anjos; a companheira [de Cristo é Maria] Madalena. **[O Senhor amava Maria] mais do que a todos os discípulos** [e] a beijou na [boca repetidas] vezes. Os demais [...] lhe disseram: 'Por que a queres mais que a todos nós?' O Salvador respondeu e lhes disse: 'A que se deve isso, que não vos quero tanto quanto a ela?'" ⁽³¹⁾

Maria Madalena poderia ser uma quarta

alternativa para a identificação do “discípulo amado”, pois, certamente, era uma “discípula” de Jesus. Para podermos explicar melhor, transcrevendo novamente:

João 19,25-27: “25. **E junto à cruz** estavam a mãe de Jesus, e a irmã dela, e Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. 26. Vendo Jesus **sua mãe e junto a ela o discípulo amado**, disse: Mulher, eis aí teu filho. 27. Depois, disse ao discípulo: Eis aí tua mãe. Dessa hora em diante, o discípulo a tomou para casa.”

À primeira vista, sem entrar em algum detalhe, vemos que é unicamente em João que se faz presente um discípulo (v. 27), e, da forma como está mencionado, mais parece se tratar de uma outra pessoa do que dele mesmo.

Entretanto, numa análise mais aprofundada se percebe que existe evidente contradição no relato, pois o autor, ao descrever os que estavam junto à cruz, relata que o grupo era composto apenas de mulheres (v. 25), como, então, ele faz surgir, como num espetacular passe de mágica, esse “discípulo” (v. 27)?

Ademais, também foram as mulheres que se dirigiram ao túmulo de propriedade de José de Arimateia para conferir como o corpo de Jesus havia sido depositado e, novamente, foram elas que prepararam aromas e óleos perfumados, sem ajuda de um só discípulo (Lucas 23,55-56).

Surge-nos uma ideia, pode até ser considerada um tanto maluca, mas vamos lá. Levando-se em conta o fato da presença só de mulheres (v. 25), os dois versos seguintes fariam mais sentido se tivessem o seguinte teor: “*Vendo Jesus sua mãe e junto a ela **a discípula amada**, disse: Mulher, eis aí **tua filha**. Depois, disse **à discípula**: Eis aí tua mãe. Dessa hora em diante, **a discípula** a tomou para casa.*”

A mudança para o gênero feminino se justifica pelo fato de Maria Madalena estar junto à cruz e conforme veremos um pouco mais à frente, quando citarmos o *Evangelho de Felipe*, Jesus a amava mais que aos discípulos. E, coincidência ou não, foi a ela quem Jesus apareceu pela primeira vez (Marcos 16,9; João 20,11-18). Isso evidencia a importância dela para Jesus, pois o que se era de

esperar é que ele aparecesse primeiro à sua mãe.

Por outro lado, todos nós sabemos do machismo exacerbado da cultura judaico-cristã, na qual “mulher não tinha vez”, tanto é que nenhuma foi designada de discípula de Jesus apesar de, conforme os textos dos evangelhos, várias mulheres o seguirem, fora é claro, os interesses dogmáticos dos padres do cristianismo primitivo que deram causa a algumas adulterações dos relatos bíblicos.

O que está registrado no *Evangelho de Felipe* provavelmente era o pensamento dominante àquela época, em que os outros discípulos enciumados tinham que Jesus a amava mais do que a todos. Entretanto, diante da resposta, em que o Mestre afirma amar a todos da mesma forma, fica desfeito o suposto privilégio dela ou de qualquer um outro discípulo, a não ser que o relacionamento dela com Jesus fosse mais íntimo, quem sabe até fosse mesmo sua esposa, como alguns acreditam, embora não apresentam provas históricas disso.

O pesquisador José Lázaro Boberg, em 

Evangelho de Maria Madalena, apresenta-nos várias hipóteses sobre o paradeiro de Maria Madalena após a ressurreição de Jesus, dentre elas destacamos estas duas:

Igreja ortodoxa grega – Segundo esta igreja, Maria Madalena agora, considerada santa, viajou para Éfeso, na atual Turquia, após a morte de Jesus, junto a Maria, mãe de Jesus, vindo a falecer lá. [...]” (32)

Na tradição católica, Maria Madalena morreu em Éfeso, onde residia com Maria, a mãe de Jesus, e João, o “suposto” autor do quarto Evangelho. [...]” (33)

Interessante a afirmação de que Maria Madalena viveu em Éfeso na companhia de Maria, mãe de Jesus, o que de certa forma confirma que ela atendeu ao pedido de Jesus, ora isso torna factível a nossa suposição dela um bom candidato a ser o “*discípulo amado*”.

A tradição católica pode muito bem ter acrescentado João como convivendo com Maria, mãe de Jesus, justamente para formar a ideia de que ele seria o “*discípulo amado*”, mas como já o dissemos, carece de base bíblica para essa

identificação.

Há algo sobre Maria Madalena que é necessário explicar e quem fará isso é José Lázaro Boberg. Vejamos o que, em três momentos, ele diz:

Com os Evangelhos apócrifos encontrados em 1945, em Nag Hammadi no Egito, inclusive o próprio *Evangelho de Maria Madalena*, também considerado apócrifo, **surgem os primeiros sinais de sua importância, relegada pela Igreja, a ponto de chamá-la de meretriz, de pecadora da qual saíram sete demônios (espíritos)**. Essa descoberta extraordinária pôde nos fornecer “pistas” mais concretas sobre Maria Madalena histórica e não apenas ilações. ⁽³⁴⁾

Você vai saber sobre um sermão do **papa Gregório Magno**, proferido em Roma, no final do século VI d.C., que **identifica Maria Madalena como a mulher anônima do Evangelho de Lucas (7:36-50), a pecadora pública, a meretriz**. Irei demonstrar que **a exegese papal é falsa**. [...]. ⁽³⁵⁾

Assim, no ano de 1969, nesse Concílio [Vaticano II], **o papa Paulo VI, publica uma revisão da doutrina oficial da Igreja, na qual Maria Madalena não seria mais mostrada como uma “prostituta”**. [...]. ⁽³⁶⁾

Esperamos que essas transcrições possam

reabilita Maria Madalena da pecha de prostituta.

O jornalista Fábio Marton através do artigo “Quem era o ‘amado discípulo?’”, nos informa que poderia ser Maria Madalena. Transcreveremos o trecho a partir de um ponto em que o autor confirma dois dos candidatos já mencionados:

É o amado discípulo, citado seis vezes no Evangelho de João e em nenhum dos outros. Que, no que hoje chamaríamos de *plot twist*, é revelado, ao final do livro, como sendo o próprio autor (João 21,24). E que, naturalmente, foi identificado como o apóstolo João, daí o nome do evangelho.

Essa foi a resposta dos pais de Igreja do século 3. Mas não é uma resposta satisfatória. **O acadêmico bíblico Ben Witherington III e o teólogo Frederick Baltz, ambos dos EUA, defendem que seja Lázaro**, já que as menções só começaram após sua ressurreição.

Outros falam em Tiago, levando ao pé da letra o versículo citado na última página, em que ele diz ao amado discípulo que Maria é sua mãe.

A teoria mais ousada, lançada em 1998 por Ramon K. Justino, da Notre Dame University (Nova York), é que seria ninguém menos que **Maria Madalena**. Justino se baseia principalmente no apócrifo Evangelho de Maria, em que ela é mencionada como amada por Jesus múltiplas vezes.

Ele rejeita a ideia tradicional de que, como todos os apócrifos, tenha sido escrito muito posteriormente aos quatro evangelhos originais. No lugar disso, teria sido o Evangelho de João – isto é, de Maria – a ser editado para fazer com que ela aparecesse ao mesmo tempo que o Amado Discípulo, como quando a tumba de Jesus é aberta (João 20:2). ⁽³⁷⁾

Além de citar Maria Madalena, confirma os personagens Lázaro e Tiago como candidatos.

Conclusão

Não temos dúvida de que, no meio espírita, surgirão companheiros que farão de tudo para sustentar a ideia de que seja mesmo João Evangelista, quiçá apresentando a opinião de Espíritos, como se estes tivessem o dom da infalibilidade e, o pior, que no mundo espiritual já não mais alimentassem as suas crenças de quando encarnados. Iludidos seríamos se pensássemos que não se apresentarão aqueles que só acreditam no que querem ver.

Vamos adiantar um deles. Em **Boa Nova**, psicografado por Chico Xavier (1910-2002), autoria do Espírito Humberto de Campos, na lição 30, lemos este relato do acontecido minutos antes de Jesus fazer a recomendação de um e ao outro:

Deparou-se-lhe a figura de **João que, vencendo a pusilanimidade criminosa em que haviam mergulhado os demais companheiros**, lhe estendia os braços amorosos e reconhecidos. Silenciosamente, o filho de Zebedeu abraçou-se

àquele triturado coração maternal. Maria deixou-se enlaçar pelo **discípulo querido** e ambos, ao pé do madeiro, em gesto de súplice, buscaram ansiosamente a luz daqueles olhos misericordiosos, no cúmulo dos tormentos. [...].
(³⁸)

Primeiramente, devemos dizer que o próprio autor espiritual já situa a sua obra como tradições, informando que *“reconheci que os planos espirituais têm também o seu folclore.”*, e, logo após, confessa que *“Dos milhares de episódios desses folclores do céu, consegui reunir trinta e trazer ao conhecimento do amigo generoso que me concede a sua atenção.”* (³⁹)

Aliás, Humberto de Campos segue a tradição, pois considera como sendo João o discípulo que estava ao pé da cruz, e também confirma a fala de Jesus mencionada em João 19,25-27.

A qualificação de *“pusilanimidade criminosa”*, muito nos estranhou, já que, a nosso ver, Espíritos de uma certa evolução espiritual jamais usariam dessa expressão, porquanto, implicitamente está condenando todos os discípulos por ter

abandonado Jesus ao considerar essa atitude como “covardia criminosa”.

Ademais, nessa mesma obra, na lição 20, o autor espiritual Humberto de Campos retrata Maria Madalena como uma prostituta, fato abordado por Boberg (ver cap. 16, intitulado “Se não foi pecadora como ficam agora os escritos mediúnicos sobre ela?”) (40), que demonstra sobejamente que isso não é verdade, pois ela jamais foi prostituta. Não há nada nos evangelhos canônicos em que se possa apoiar para dizer tal coisa de Maria Madalena.

Estávamos tendo alguma dificuldade para encontrar uma fonte mais antiga que nos auxiliasse no tema. Após várias buscas infrutíferas, acabamos por encontrá-la. Trata-se da obra ***História Eclesiástica: os primeiros quatro séculos da Igreja Cristã***, escrita por Eusébio de Cesareia (264-340 d.C.), que foi bispo de Cesareia e é considerado o “pai da história da Igreja”. (41) No cap. XXV, do Livro 7, dessa obra, Eusébio de Cesareia discorre sobre “O Apocalipse de João”, dizendo, a certa altura, sobre o exame que Dionísio, Bispo de Corinto (viveu por volta do ano 171 d.C.)

tinha feito desse livro, onde diz o seguinte:

“[...] Portanto, não nego que ele era chamado João e que esse era o escrito de um João. E concordo que também era obra de um homem santo e inspirado. **Mas não me seria fácil concordar que esse era o apóstolo João, o filho de Zebedeu, o irmão de Tiago, que é o autor do Evangelho e da epístola (geral) que leva o seu nome.** Mas presumo, tanto pelo conteúdo geral de ambos como pela forma e aspecto da composição, e **a execução do livro todo, que não seja dele.** Pois o evangelista jamais prefixa seu nome, jamais se proclama, seja no evangelho como em sua epístola.”

[...].

“Que é um João que escreveu essas coisas, precisamos crer nele, conforme ele diz; mas **não se sabe ao certo de que João se trata. Pois ele não disse que era, como faz com frequência no Evangelho, o discípulo amado do Senhor, nem aquele que se reclinou sobre seu peito, nem o irmão de Tiago, nem que ele mesmo viu e ouviu o que o Senhor fez e disse.** Pois com certeza teria dito um desses elementos, se desejasse fazer-se conhecido de maneira clara. Mas nada disso existe, ele só se denomina nosso irmão e companheiro e testemunha de Jesus, e bendito por ter visto e ouvido essas revelações. **Sou de opinião que havia muitos com o mesmo nome do apóstolo João,** os quais, por amor, admiração e imitação dele e por desejo, ao mesmo tempo, de, como ele, serem amados do

Senhor, adotarem o mesmo nome do título, assim como encontramos o nome de Paulo e de Pedro sendo adotados por muitos dentre os fiéis. (42)

Acreditamos que será novidade para muitos companheiros a afirmação de que João Evangelista não é o autor do Apocalipse, já que, por tradição (olha ela aqui novamente!), acompanham o que lhes foi ensinado em suas religiões de origem ou que confiam em tudo que muitos expositores e tradutores espíritas dizem.

Nos seus argumentos, o bispo Dionísio aceita João como autor do Evangelho e que nele estaria, com frequência, dizendo ser o “*discípulo amado*” e que foi ele quem se reclinou sobre o peito de Jesus. Provavelmente temos aqui algo bem próximo da origem da tradição, pois, a bem da verdade, João nunca fez relação dele mesmo com o “*discípulo amado*” e nem com aquele que reclinou sobre o peito de Jesus. O que nos parece é que essa tradição, por ser ainda anterior a Dionísio, acabou por também contaminá-lo.

Diante de tudo isso, o que fica claro, pelo

menos para nós, é que o “*discípulo amado*” não era João, o evangelista, por absoluta falta de apoio nos textos bíblicos.

A todos os que, porventura, insistirem nessa tese cabe muito bem essa fala de Allan Kardec:

A ideia preconcebida, num sentido qualquer, é a pior condição para um observador, porque então **tudo vê e tudo ajusta a seu ponto de vista, negligenciando o que pode haver de contrário**. Certamente não é esse o meio de chegar à verdade. ⁽⁴³⁾

Tomando-se dos evangelhos sinóticos, nunca existiu o personagem “*discípulo amado*”, ele somente aparece no quarto evangelho. E aqui cabe muito bem essa declaração de São Jerônimo na carta-prefácio da Vulgata: “*A verdade não pode existir em coisas que divergem.*” ⁽⁴⁴⁾

Momentaneamente esquecendo-os, para ficar somente com o relato do Evangelho de João, então, como vimos, apresentam-se cinco candidatos a “*discípulo amado*”: Pedro, Lázaro, Tiago, o Maior, Maria Madalena e Tiago, o justo, sendo este último o mais forte, por ser ele o único a quem cabem as

duas falas atribuídas a Jesus: *“Mulher, eis aí o teu filho.”* e *“Eis aí a tua mãe.”* para mantermos coerência e lógica, uma vez que João Evangelista não poderia ter preferência para cuidar de Maria, em detrimento do próprio irmão de Jesus.

Podemos estar equivocados em nossa conclusão, mas se alguém nos apresentar algum argumento bíblico convincente, mudaremos de opinião, pois, como pesquisador, procuramos agir conforme o pensamento do poeta, escritor, historiador e jornalista português Alexandre Herculano (1810-1877), que dizia: *“Eu não me envergonho de corrigir meus erros e mudar de opinião, porque não me envergonho de raciocinar e aprender.”* (45)

Referências bibliográficas

A Bíblia Tradução Ecumênica - TEB. São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas, ©1996.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia King James 1611. Niterói (RJ): Bvbooks, 2020.

Bíblia Shedd. São Paulo: Edições Vida Nova e Barueri, SP: SBB, 2005.

Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas. Cesário Lange (SP): STVBT, 1986.

BOBERG, J. L. **O Evangelho de Maria Madalena.** Capivari (SP): EME, 2017.

CESAREIA, E. **História Eclesiástica: os primeiros quatro séculos da Igreja Cristã.** Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia - Vol. 6.** São Paulo: Candeia, 1995.

CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo - Vol. 2.** São Paulo: Hagnó, 2005.

CHAVES, J. R. **A Face Oculta das Religiões.** Santo André, SP: EBM Editora, 2011.

- EHRMAN, B. D. ***Jesus existiu ou não?***. Rio de Janeiro: AGIR, 2012.
- EHRMAN, B. D. ***Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?: mais revelações inéditas sobre as contradições da Bíblia***. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.
- KARDEC, A. ***Revista Espírita de 1863***. (PDF) Rio de Janeiro: FEB, 2008.
- LOURENÇO, ***Bíblia, volume I: Novo Testamento: Os Quatro Evangelhos***. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- TABOR, J. D. ***A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo***. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- TRICCA, M. H. O. ***Apócrifos II: os proscritos da Bíblia***. São Paulo: Mercuryo, 1995.
- URRESTI, M. F. ***A Face Oculta de Jesus***. São Paulo: Madras, 2014.
- VERMES, G. ***A Paixão***. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- XAVIER, F. C. ***A Caminho da Luz***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- XAVIER, F. C. ***Boa Nova***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- XAVIER, F. C. ***Paulo e Estêvão***. Brasília: FEB, 2010.

Internet

- CATHOPIC, *Última Ceia*, disponível em:
<https://www.cathopic.com/photo/5891-ultima-cena-jesus-sus-apostoles>, Acesso em: 12 jul. 2022.

Apócrifos,

<https://formacao.cancaonova.com/igreja/catequese/o-que-sao-livros-apocrifos/>. Acesso em 15 ago. 2017.

Eusébio de Cesareia:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Eus%C3%A9bio_de_Cesareia. Acesso em: 24 set. 2015.

HERCULANO, A. Frase disponível em

<http://pensador.uol.com.br/frase/MzUxMQ/>. Acesso em: 19 set. 2015.

MARTON, F. *Quem era o “amado discípulo”?*, disponível em:

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/12-maiores-enigmas-biblia-religiao-cristianismo-quem-era-o-amado-discipulo-jesus-historia.phtml>. Acesso em: 05 jan. 2022.

MONTORIL, M. *Tiago Maior, o apóstolo de Jesus Cristo na Espanha*, disponível em

<http://montorilaraujo.blogspot.com.br/2011/07/tiago-maior-apostolo-de-jesus-cristo-na.html>. Acesso em: 19 set. 2015.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Os nomes dos títulos dos evangelhos designam os seus autores?*, disponível em:

<https://paulosnetos.net/article/os-nomes-dos-titulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores-ebook>. Acesso em: 06 set. 2024.

WIKIPÉDIA, *Concílio de Jerusalém*, disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Conc%C3%ADlio_de_Jerusal%C3%A9m. Acesso em: 14 jul. 2022.

WIKIPÉDIA, *John Dominic Crossan*, disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Dominic_Crossan. Acesso em: 14 jul. 2022.

Em versão reduzida, o teor desse ebook foi publicado na revista ***Espiritismo & Ciência Especial***, nº 82. São Paulo: Mythos Editora, 2016, p. 18-31.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos/ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; e 8) *Chico Xavier: uma alma feminina*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*; 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo*

em Kardec?; 4) Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?; 5) A Reencarnação Tá na Bíblia; 6) Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem); 7) Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso; 8) Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?; 9) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 10) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 11) A Mulher na Bíblia; 12) Todos Nós Somos Médiuns?; 13) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 14) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 15) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 16) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 17) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 18) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 19) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 20) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 21) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 22) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 23) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 24) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 25) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; 26) Reencarnação e as Pesquisas Científicas; 27) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia); 28) Haveria Fetos Sem Espírito?; 29) Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos; e 30) Herculano Pires diante da Revista Espírita.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 LOURENÇO, *Bíblia, volume I: Novo Testamento: Os Quatro Evangelhos*, p. 412.
- 2 SILVA NETO SOBRINHO, *Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam os seus autores?*, link: <https://paulosnetos.net/article/os-nomes-dos-titulos-dos-evangelhos-designam-seus-autores-ebook>
- 3 XAVIER, *A Caminho da Luz*, p. 212.
- 4 XAVIER, *Paulo e Estêvão*, p. 411.
- 5 XAVIER, *Paulo e Estêvão*, p. 454.
- 6 CATHOPIC, *Última Ceia*, disponível em: <https://www.cathopic.com/photo/5891-ultima-cena-jesus-sus-apostoles>
- 7 *Bíblia do Peregrino*, nota 13,21-30, p. 2594.
- 8 *Bíblia de Jerusalém*, nota 13,23, p. 1878.
- 9 VERMES, *A Paixão*, p. 17.
- 10 EHRMAN, *Jesus existiu ou não?*, p. 145.
- 11 EHRMAN, *Jesus existiu ou não?*, p. 145-146.
- 12 MONTORIL, M. *Tiago Maior, o apóstolo de Jesus Cristo na Espanha*, disponível em <http://montorilaraujo.blogspot.com.br/2011/07/tiago-maior-apostolo-de-jusus-cristo-na.html>.
- 13 WIKIPÉDIA, *Concílio de Jerusalém*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Conc%C3%ADlio_de_Jerusal%C3%A9m
- 14 CHAMPLIN e BENTES, *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. Vol. 6*, p. 541.
- 15 CHAMPLIN, *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo. Vol. 2*, p. 511.
- 16 SILVA NETO SOBRINHO, *Os nomes dos títulos dos evangelhos designam os seus autores?*, link: <https://paulosnetos.net/article/os-nomes-dos-titulos-dos-evangelhos-designam-os-seus-autores-ebook>
- 17 EHRMAN, *Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?: mais revelações inéditas sobre as contradições da Bíblia*, p. 118-120.

- ¹⁸ Bíblia de Jerusalém, *Os Evangelhos Sinópticos, Introdução*, p. 1693-1694.
- ¹⁹ RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica como Bíblia foi manipulada*, p. 65-66.
- ²⁰ WIKIPÉDIA, *John Dominic Crossan*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Dominic_Crossan
- ²¹ CROSSAN, *Quem Matou Jesus?*, p. 240.
- ²² RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica como Bíblia foi manipulada*, p. 65-66.
- ²³ EHRMAN, *Pedro, Paulo e Maria Madalena*, p. 56.
- ²⁴ EHRMAN, *Pedro, Paulo e Maria Madalena*, p. 61.
- ²⁵ URRESTI, *A Face Oculta de Jesus*, p. 66.
- ²⁶ TABOR, *A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo*, p. 236.
- ²⁷ EHRMAN, *Como Jesus se tornou Deus*, p. 227.
- ²⁸ EHRMAN, *Como Jesus se tornou Deus*, p. 236.
- ²⁹ *Bíblia Shedd*, nota 13,23, p. 1511.
- ³⁰ Apócrifos são os livros que foram escritos pelo povo de Deus, mas não foram considerados pelo Magistério da Igreja como revelados pelo Espírito Santo; portanto, não são canônicos, isto é, não fazem parte do cânon (índice) da Bíblia. As razões que levaram a Igreja a não considerá-los como Palavra de Deus é que muitos são fantasiosos sobre a Pessoa de Jesus e sobre outros personagens bíblicos. Além disso, muitos destes possuem até heresias como o gnosticismo. No entanto, neles há algumas verdades históricas, e isso faz a Igreja considerá-los importantes nos estudos. (Fonte: <https://formacao.cancaonova.com/igreja/catequese/o-que-sao-livros-apocrifos/>)
- ³¹ TRICCA, *Apócrifos II: os proscritos da Bíblia*, p. 188.
- ³² BOBERG, *O Evangelho de Maria Madalena*, p. 145.
- ³³ BOBERG, *O Evangelho de Maria Madalena*, p. 146.
- ³⁴ BOBERG, *O Evangelho de Maria Madalena*, p. 12-13.

- ³⁵ BOBERG, *O Evangelho de Maria Madalena*, p. 17.
- ³⁶ BOBERG, *O Evangelho de Maria Madalena*, p. 151.
- ³⁷ MARTON, *Quem era o “amado discípulo”?*, disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/12-maiores-enigmas-biblia-religiao-cristianismo-quem-era-o-amado-discipulo-jesus-historia.phtml>
- ³⁸ XAVIER, *Boa Nova*, p. 198.
- ³⁹ XAVIER, *Boa Nova*, p. 12.
- ⁴⁰ BOBERG, *O Evangelho de Maria Madalena*, p. 155-169.
- ⁴¹ Eusébio de Cesareia:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Eus%C3%A9bio_de_Cesareia.
- ⁴² CESAREIA, *História Eclesiástica: os primeiros quatro séculos da Igreja Cristã*, p. 273-274.
- ⁴³ KARDEC, *Revista Espírita de 1863. (PDF)*, p. 145-146.
- ⁴⁴ CHAVES, *A Face Oculta das Religiões*, contra-capá.
- ⁴⁵ HERCULANO, Frase disponível em <http://pensador.uol.com.br/frase/MzUxMQ/>